



editorial

São demais os perigos dessa vida para quem busca definir critérios de qualidade literária.

Do que sabemos: um periódico de literatura como o **RelevO** realiza um percurso público, também conhecido como mediação cultural. A partir de escolhas de alta voltagem subjetiva, dizemos para a nossa comunidade o que consideramos boa literatura, bom humor, boa ligação de palavras, boa crítica, diante que estamos das tais estéticas da recepção – somos porque dizem que somos um jornal, de fora para dentro. Aliás, um jornal sem comunidade, sem tensão, é letra morta. (Na outra ponta, jornais que se autodesignam portas fundamentais para o mundo soam obscenos. Nada pior que a imodéstia antes do penhasco.)

Antecipamos: na partida a seguir, a derrota é certa. Sigamos.

Quando nos deparamos em uma ligação como essa: “Aos 16 anos matei meu professor de lógica. Invocando a legítima defesa — e qual defesa seria mais legítima? — logrei ser absolvido por cinco votos a dois, e fui morar sob uma ponte do Sena, embora nunca tenha estado em Paris.”, a abertura de *A Lua Vem da Ásia*, de Campos de Carvalho, sabemos que não estamos na presença de algo “comum”. [E deste espírito do espanto nasce o propósito de compilar mensalmente um apanhado de textos.]

De certo modo, exercemos um papel de crítica ao avaliarmos o que entra e o que sai de nossas páginas – nossa procição de nadas, em última instância. Em *O ideal do crítico*, Machado de Assis afirma: “Não compreendo o crítico sem consciência. A ciência e a consciência, eis as duas condições principais para exercer a crítica. A crítica útil e verdadeira será aquela que, em vez de modelar as suas sentenças por um interesse, quer seja o interesse do ódio, quer o da adulação ou da simpatia, procure reproduzir unicamente os juízes da sua consciência. Ela deve ser sincera, sob pena de ser nula. Não lhe é dado defender nem os seus interesses pessoais nem os alheios, mas somente a sua convicção, e a sua convicção, deve formar-se tão pura e tão alta, que não sofra a ação das circunstâncias externas”.

Almejamos, de modo geral, carregar o nosso instinto para o papel, das cartas dos leitores à bula bem escrita. Para Henry James, em *A arte da ficção*, trata-se da capacidade da obra literária de conversar com a substância geral das coisas: “A humanidade é imensa, e a realidade tem uma miríade de formas; o máximo que se pode afirmar é que algumas das flores da ficção têm o odor dela, outras não”. Ainda incide um axioma: “A experiência nunca é limitada e nunca é completa”.

Nesta edição de novembro, reunimos diversos textos sobre negritude, de vielas sociológicas às vozes literárias contemporâneas. Não temos intenção alguma de praticar militância literária, mesmo sabendo que os deuses de

plantão têm sede. Trata-se, aqui, de uma pesquisa diante de uma temática de contornos complexos e, em suma, da reunião de textos que acreditamos ultrapassar o arvoredo ideológico que priva o olhar de maior pujança crítica.

Ao fazer isso, acreditamos (e o nosso erro já é de base: a crença) que os textos se firmam pelo que carregam de força e de amplitude, elementos essenciais dentro de qualquer temática, temática esta, como qualquer outra, igualmente importante para o entendimento do mundo em que vivemos e de suas complexidades, assim como “Paradinha”, da Anitta, é uma composição perfeitamente coerente perante todo o cabedal artístico da cantora. *Un, dos, tres, vá!*

(Aquilo que dizem de que, diante de uma boa obra de arte, aprendemos mais sobre nós mesmos.)

Uma boa leitura a todos.

disso de dinheiro

ENTRADAS

Assinantes: R\$ 100 Daniel Martini; Marli Voigt; Edevaldo Leal da Costa; R\$ 70 Gustavo Nogy; Carlos Vinicius Leite; R\$ 50 Diogo Richter; Ana Rosa Menezes; Melissa Araldi Barreiro; Edson Braz; Gabriella Fonseca; Dulcineia Mesatto; Yáskara Regina Soares Grassi; Daniel Gil; Ben-Hur Demeneck; Christiana Nóvoa; Marlene de Fátima Gonçalves; Mariana Capel Xavier; Priscila Frehse Pereira; Letícia Puppi; Luciany Aparecida; Luciana Hidalgo; Maria Alexandra Cunha; Rodrigo Novaes de Almeida; Lucio Carvalho; Guto Souza; Sebastião Ribeiro; Yasmin Nigri; Lucas Perito; Paulo Monteiro; Luiza Cantanhêde; Helena Ortiz; Rafael Aggens; Monique Serrano; Sandra Andréia; Lui Martinez Laskowski; Paulino Junior; Evanilton Gonçalves Gois da Cruz; Rafael Waltrick; Maurício Pitta; Flávio J. Landolpho; Marcus Groza; Daniel Osiecki; Rafael Souza Rodrigues; Milton Rezende; Telma Franco Diniz; Paola Wescher; Morgana Rech; Daniel Alvarenga; Ivan Ivanovick; Flávio Viegas Amoreira; Nicolás Wolaniuk; Rubervam Du Nascimento; R\$ 25 Ana Paula Oliveira (Total: R\$ 2.815)
Anunciantes: R\$ 150 Bruno Meirinho; R\$ 100 Editora Penalux; Toda Letra; R\$ 50 Ehlkefarma; Editora Joaquim Maria; Fisk; Greicy Bellin; Livraria Joaquim; Torto Bar (total: R\$ 650)

SAÍDAS

Gráfica: R\$ 1.260
Distribuição: R\$ 500
Assinantes: R\$ 1.080
Papellaria: R\$ 30
Tela de edição (parcela 2): R\$ 600
Redes ditas sociais: R\$ 60

Custos totais: R\$ 3.430
Receita total: R\$ 3.465
Balanço de outubro de 2017: R\$ 35

EDITOR: DANIEL ZANELLA
EDITOR-ASSISTENTE: MATEUS RIBEIRETE
OMBUDSMAN: RICARDO LÍSIAS
REVISÃO: MATEUS SENNA
PROJETO GRÁFICO: MARCELI MENGARDA
LOGÍSTICA: THAÍS ALESSANDRA TAVARES
REDES SOCIAIS: FELIPE GOLLNICK
ADVOGADO: BRUNO MEIRINHO OAB/PR 48.641
IMPRESSÃO: GRÁFICA EXCEUNI
TIRAGEM: 4.000
EDIÇÃO FINALIZADA EM 30/10/2017

imagens dessa edição

As ilustrações desta edição são de autoria de Maria Lima. Você pode conhecer mais do trabalho dela em www.mariadodesenho.wixsite.com/mariadodesenho

assine/anuncie

Somos um impresso sem fins lucrativos que sobrevive apenas por dois meios: assinantes e anunciantes. Fale conosco no contato@jornalrelevo.com e combine de receber o jornal mais aleatório do Brasil em casa ou divulgue seu trabalho, sua marca, seus projetos culturais.

publique

O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe foto-grafias. O **RelevO** abarca projetos acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas, ameaças inbox. Mande seu material para contato@jornalrelevo.com.

OLHA LÁ

Alfredo Albuquerque Acho a ideia desses jornais como o **RelevO** bem legal. E as capas são bem bacanas.

Kátia Nascimento Bom dia ao **RelevO**. Sei que sou “das antigas”, mas não tem preço sentar pra tomar chimarrão lendo um jornal de boa qualidade. Isso vai ao encontro do que tenho dito a amigos que trabalham com rádio, TV, jornal, etc: o conteúdo bom traz audiência (ou leitores) de boa qualidade. Não posso crer, nem quero, que os péssimos programas de rádio e de TV, e os jornais “espirra sangue e tragédia” são campeões de audiência, porque é o que o público quer. Me nego a acreditar nisso ou a fazer desta forma para que o “patrão” ganhe dinheiro. Nivelar por baixo é o que está levando nossos alunos a fazerem o que estão fazendo com seus professores, com seus familiares e com eles mesmos. Significa uma geração que não conhece o que há de bom em sua comunidade, muito menos em seu país. Vocês estão certos: a boa qualidade fará mais leitores do **RelevO**. Parabéns! Gostei bastante do tom do editor.

Milton Rezende Gostei do **RelevO**, sobretudo do texto de Paulliny G. Tort. Abraços!

Marcelo de Angelis O **RelevO** de outubro chegou aqui em casa hoje. Uma dupla alegria: ler o jornal e ver no papel o que o Daniel Osiecki escreveu. Meu primeiro livro, minha primeira resenha. Muito grato!

Cassia Lima Vi que saiu a edição de outubro do **RelevO**, maravilha. Queria falar sobre o blog que indiquei por email, aquele da minha amiga. Assim que enviei, fui reler os textos de lá, porque não lia há um tempo. Bom, ela escreve desde a oitava série, momento em que nos conhecemos, e com 13 anos nossos critérios textuais não são lá dos melhores. No Ensino Médio, ela continuou a escrever, e eu a ficar maravilhada com suas produções. Quando entramos na faculdade, ficou um bom tempo sem pegar o lápis e o papel por algumas demandas da vida. O que quero dizer é que, com o passar do tempo, vamos adquirindo maturidade em todos os sentidos, não é mesmo? (Ou espera-se) E pra uma garota da oitava série, de fato mandava bem. Ela voltou a escrever há pouco e agora que estou com um olhar um tanto quanto mais ponderado a respeito de literatura (só um pouco mais também, tenho MUITO a evoluir), vi que seus recursos não avançaram muito. E isso foi ótimo. Pude, então, lhe apontar alguns aspectos de suas produções e ela acatou sem maiores problemas, inclusive com gratidão. Enfim, sem querer, o **RelevO** ajudou duas amantes literárias, uma a ter uma perspectiva um pouco melhor sobre literatura, até em função dos textos trazidos pelo jornal, e a outra, a buscar progredir e usar de todo o seu potencial latente para realizar grandes coisas. Achei que seria legal compartilhar essa experiência com vocês. Grata a esse periódico fofíssimo.

Flávio Viegas Amoreira Impressionado com a qualidade do jornal. Recebi hoje outra edição!

Cid Brasil Chegou o exemplar de setembro aqui

em Maceió. E bateu o medão de estar naquela grande seleção de missivas–canalhas recebidas pela **RelevO**. Abração!

Samantha Abreu O **RelevO** é um jornal de cultura – com enfoque em literatura – editado em Curitiba e que também tem versão impressa. Pra quem não conhece ainda, fica a delícia do convite: assine o **RelevO**! Esse é um projeto muito legal! Um jornal literário/cultural de ótima qualidade e sem fins lucrativos. Incentive!

Marco Aurélio de Souza Do começo de mês a gente espera duas coisas: o pagode cair na conta e o último número do **RelevO**. Nessa lindeza de edição de outubro, entre as tantas qualidades, tem o olhar do Daniel Osiecki para o meu Travessia, em resenha conjunta com os livros de Marcelo De Angelis e William Teca. Agradeço imensamente ao Osiecki – é sempre um prazer encontrar um leitor generoso, que escreve sobre aquilo que lê – e também ao editor do periódico, pela acolhida de sempre.

Rafael Rodrigues Sou o primeiro assinante de Feira de Santana do **RelevO**. Isso não tá certo, meu povo... Confirmam as edições eletrônicas do jornal e assinem a versão impressa!

Poliana Guimarães Muito bom esse jornal de literatura. Só 50 reais ao ano pra assinar. Recebo todo mês aqui em casa. Entre em contato com o **RelevO** e assine também. Vale muito!

♥ ESCLARECIMENTOS

Da redação: Ana Cláudia Dacoregio (SC) & Cássia Lima (PR), ficamos sabendo por fontes seguras que as devidas assinantes estão chateadas com o fim da etiqueta escrita manualmente nos malotes. Infelizmente, o editor não pode escrever esse recadinho que agora a redação escreve em virtude de dois dedos atrofiados por anos de escrevinhação à mão e uma gripe, então pedimos para o nosso cachorro Bob latir e explicar a perda repentina de interesse em roer o malote quando ele vem etiquetado pelas MÁQUINAS. Ahamos um bom argumento.

Guto Souza Fiquei surpreso e confuso ao receber o exemplar de outubro. Após reclamar das etiquetas impressas e da gourmetização do **RelevO**, voltei a receber o jornal em envelope com meus dados escritos à mão. E olha que me mudei, e o novo endereço é bem mais extenso do que o anterior (contei no envelope 99 caracteres manuscritos, para ser mais exato). Agora não sei se fico feliz com a volta do Jornalismo Raiz ou preocupado com a saúde do editor. Abraços e cuidem dessa LER!

Da redação: A vida não faz sentido.

EITCHA

Wilson Júnior Se o jornal tá de graça em todo canto, por que eu assinaria ele?

*Da redação: Júnior, Júnior... Este é o nosso dilema: não temos uma boa resposta pra você. Nós diríamos, assim, que cada assinante do **RelevO** é um patrocinador da nossa continuidade. Então, quem gosta de nos ler também deve gostar de nos ver em continuidade, de auxiliar a segurar a betoneira financeira. Mas reconhecemos que pode não ser um argumento excelente. É o nosso jeito de fazer as coisas.*

Faustino Rodrigues Primeiramente, parabéns pela iniciativa. Gostei muito de saber da existência do jornal. Fico feliz com coisas deste tipo em um país que está beirando a inanição cultural.

Eduarda Bittencourt Acho uma ideia incrível o **RelevO**, sou uma grande entusiasta da leitura, e qualquer iniciativa que a coloque em pauta eu estarei apoiando. Em um país em que a média nacional de leitura por habitante está estagnada há mais de quatro anos, é necessário haver projetos assim.

OUTRAS FUNÇÕES

Bolívar Escobar Usando um **RelevO** como forro pra soldar uma placa.

Da redação: Depois dizem que jornal impresso está démodé.

FRAGRÂNCIAS

Valter Bitencourt Júnior É uma grande satisfação receber o **RelevO**. Muito obrigado por terem enviado este grande jornal que vem crescendo a cada dia que passa, fundado em 2010, um jornal mensal que vai para a mesa de brasileiros de vários estados. Este jornal de Curitiba é um dos maiores jornais de literatura e que muito vem lutando para sobreviver. Receber o jornal impresso é uma sensação muito gostosa de se sentir, é degustar cada palavra, sentir a fragrância de cada página, é poder viver a literatura, que grita, que busca sobreviver ao tempo, e resgatar a sua história!

Luciany Aparecida Após alguns dias fora de Salvador, chego em casa hoje e encontro a edição impressa do **RelevO** com a publicação do conto “O vestido de domingo”, da Ruth Ducaso ♥

THE RUSSIAN ROULETTE

Laercio Silva Já saiu a edição de outubro do essencial **RelevO**. Nunca é demasiado afirmar que é dos raros meios dedicados exclusivamente à literatura no nosso conturbado país, e é aberto a todos os gêneros e subgêneros de expressão literária. Entre textos e poemas interessantes que convidam ao pensamento crítico, a grata surpresa é encontrar na coluna do jornalista e pesquisador Gutemberg Medeiros (um dos poucos no ofício que detém conhecimento literário de fato, e com especial apreço pela literatura russa) seus comentários sobre dois livros editados pelo Epigrama Coletivo Editorial, O trapézio e a Vertigem, de Leopoldo Comitti, e Mistérios Perenes, de Álvaro Wandelli, no texto “Pequenas editoras grandes leituras”.

DE SAUDADES E ADOÇÕES

Morgana Rech Ontem recebi o meu primeiro jornal **RelevO**. Além de ter achado o jornal lindíssimo e de ótima qualidade, escolhi a Biblioteca Pública de Porto Alegre para adotar, o que significa que agora eles passarão a receber o jornal lá todos os meses, no velho casarão da esquina da Riachuelo com a General Câmara, que ficou tantos anos fechado e agora está em pleno fôlego. **RelevO** e Biblioteca Pública do Estado do RS, que não é risos, mas RS. Que baita jornal e que baita biblioteca. Pudera passar algumas tardes no seu silêncio. Saudades do sul.

Pegue seu RelevO aqui



Porto Alegre
Livraria Traça

Bento Gonçalves
Dom Quixote Livraria & Cafeteria

Santa Cruz do Sul
Casa das Artes Regina Simonis

Florianópolis
UFSC
Livraria Livros & Livros
CIC (Centro Integrado de Cultura)

Itajaí
Univali
Joinville
Univille

João Pessoa
A Bodega Arte Café

Salvador
Livraria Boto-Cor-de-Rosa

Brasília
Sebino Livraria
Café e Bistrô

Teresina
Casa da Cultura
Café da Gota Serena
Espaço Artístico e Galeria Sobrado
Espaço Galpão

Juiz de Fora
FLUX
Espaço Excalibur

Curitiba
Agendarte
+ 70 outros lugares!

Araucária
Arquivo Histórico Municipal
+ 30 outros lugares!

Lapa
Panificadora Zeni
Mundo da Leitura
Livraria & Papelaria Nanise
Posto de Informações Turísticas

Castro
Espaço Cultural Casa da Praça
Casa da Cultura Emilia Erichsen

Campo Largo
Casa da Cultura
Inspirarte Centro Cultural
Museu Municipal
Sebo Só Ler

São José dos Pinhais
SESI São José dos Pinhais

Palmeira
Secretaria de Esporte e Cultura

Guarapuava
Gato Preto - Discos & Livros

Teixeira Soares
Departamento de Cultura, Turismo e Patrimônio Histórico
Escola Municipal
Madre Rosa Rosato

Ponta Grossa
UEPG - Jornalismo e Letras
Bar do Didião
Bar Romanóv
Boteking
Verbo Livraria (1 e 2)
Sebo Espaço Cultural

Contenda
Escola Municipal
Vanilda Dzierwa
Panificadora Gaspar
Panificadora Schinda
Prefeitura Municipal

Londrina
UEL

Colônia Witmarsum
Supermercado Eurich
Restaurante Leão de Judá

Belém
Livraria Fox

São Luís
Livraria Poeme-se
Sebo do Arteiro

Rio de Janeiro
Arlequim
Casa do Choro
Letra Viva Filial
Livraria Berinjela
Livraria e Edições Folha Seca
Livraria Instante do Leitor

São Paulo
Banca Tatui
Casa das Rosas
Casa Guilherme de Almeida
Comix
Escola Macunaima de Teatro
Faculdade Sumaré - Letras
Intermeios Casa de Arte & Livros
IMS
Patuscada Bar
PUC - Sumaré
Sesc Pompéia
Teatro São Pedro
UGRA PRESS

Araraquara
Casa da Cultura
Palacete das Rosas

Projeto RelevO - Adote Uma Biblioteca

Bibliotecas do Paraná:

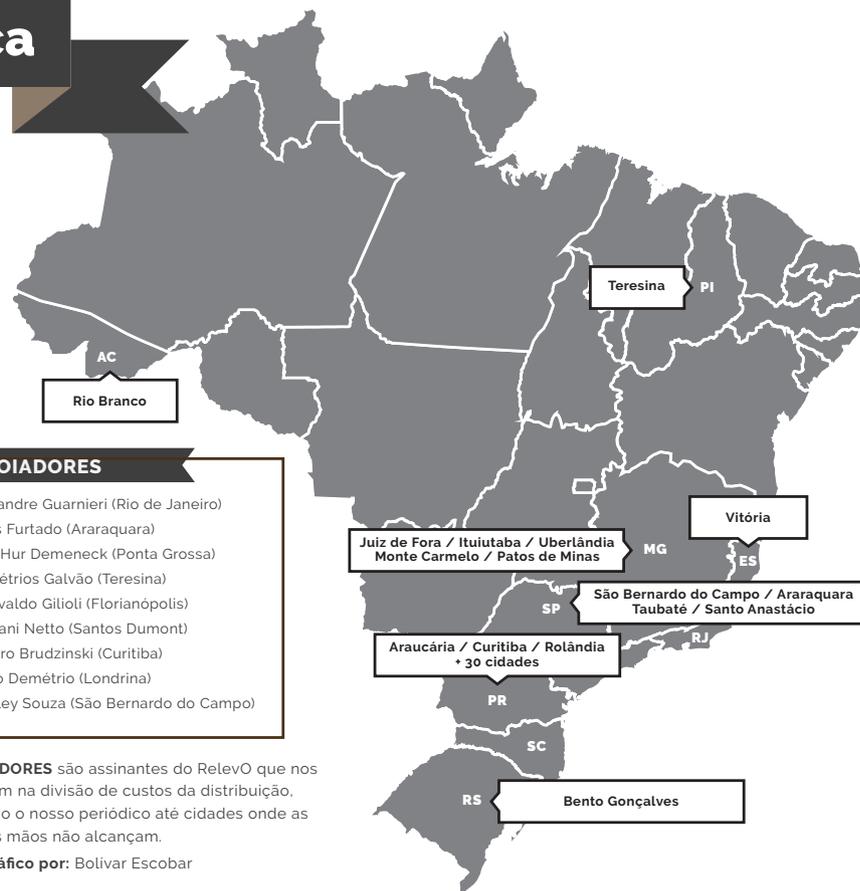
Castro: Biblioteca Cidadã Professora Nelsi Kugler
Ponta Grossa: Biblioteca Municipal Professor Bruno Enei
Contenda: Biblioteca Pública Municipal
Teixeira Soares: Biblioteca Municipal Cidadã de Teixeira Soares
Campo Largo: Biblioteca Municipal de Campo Largo
Palmeira: Biblioteca Municipal Moisés Marcondes
Araucária: Biblioteca Pública Emiliano Pernetta e Casa das Palavras Brincantes
Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, Biblioteca do Paço, Biblioteca da UniAndrade, Biblioteca da Universidade Tuiuti, Biblioteca de Ciências Humanas da UFPR, Biblioteca da SEPT, Biblioteca da UTFPR, Bondinho da Leitura, Casa da Leitura Augusto Stresser, Casa da Leitura Dario Vellozo, Casa da Leitura Hilda Hilst, Casa da Leitura Jamil Snege, Casa da Leitura Laura Santos, Casa da Leitura Manoel Carlos Karam, Casa da Leitura Marcos Prado, Casa da Leitura Maria Nicolas, Casa da Leitura Miguel de Cervantes, Casa da Leitura Nair de Macedo, Casa da Leitura Osman Lins, Casa da Leitura Paulo Leminski, Casa da Leitura Vladimir Kozák, Casa da Leitura Walmar Marcellino, Casa da Leitura Wilson Bueno, Casa da Leitura Wilson Martins, Gerência Fatois do Saber, Farol do Saber São Pedro e São Paulo, Farol das Cidades, Farol do Saber Antônio Machado, Farol do Saber Aristides Vinholes R., Farol do Saber Frei

Miguel Bottacin, Farol do Saber Emilio de Menezes, Farol do Saber Tom Jobim, Farol do Saber Aparecido Quinaglia, Farol do Saber Machado de Assis, Biblioteca do Bosque Alemão, Biblioteca Hideo Hamada, Farol do Saber Gibran Khalil Gibran, Gibiteca Alceu Chichorro, Gibiteca Jardim Pinheiros, Biblioteca do Colégio da Polícia Militar do Paraná, Biblioteca da UP.
Rio Branco do Sul: Colégio Manoel Borges de Macedo-Biblioteca
Rolândia: Biblioteca Rui Barbosa, Biblioteca Cidadã Michael Traumam, Biblioteca Sesi Indústria do Conhecimento, Biblioteca Professor José Antônio Gorla, Biblioteca Professor Eduardo Kasperski
Doutor Camargo: Biblioteca Cidadã Professora Eliza Regina Castanheira de Santana
Maringá: Biblioteca Prof. Bento Munhoz da Rocha Netto, Gerência do Livro, Leitura e Literatura de Maringá
Nova Fátima: Biblioteca Cidadã de Nova Fátima
Ourizona: Biblioteca Cidadã Profª Ivete Aparecida Zaninelo Bosen
Campo Mourão: Biblioteca Indústria do Conhecimento
Lobato: Biblioteca Municipal Castro Alves
Pato Branco: Biblioteca Municipal de Pato Branco, Biblioteca Municipal Professora Helena Braun
Maripá: Biblioteca Pública Cidadã Prof. Martene Alenbrant

Cambé: Biblioteca Pública de Cambé
Toledo: Biblioteca Pública Municipal de Toledo
Tibagi: Biblioteca Pública Municipal Historiador Luiz Leopoldo Mercer
Cantagalo: Biblioteca Pública Municipal Valdemiro José Bona
Pinhais: Biblioteca Pública de Pinhais
Arapongas: Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis
Piên: Biblioteca Pública Municipal de Piên
Terra Boa: Biblioteca Cidadã de Terra Boa
Marechal Cândido Rondon: Biblioteca Cidadã Alice Weirich
Cascavel: Biblioteca Pública Sandálio dos Santos
Santa Mariana: Biblioteca Pública de Santa Mariana
Cruzeiro do Sul: Espaço Cultural Prefeito Tomoyuki Harada A/V/C

Pelo Brasil afora:

Bento Gonçalves: Biblioteca Pública Castro Alves
Teresina: Biblioteca Cromowet de Carvalho
Juiz de Fora: Biblioteca pública Murilo Mendes
São Bernardo do Campo: Biblioteca de Arte Ilva Aceto Maranesi, Biblioteca Guimarães Rosa, Biblioteca Manuel Bandeira, Biblioteca Monteiro Lobato
Araraquara: Biblioteca da Unesp, Biblioteca da Chácara Sapucaia e Biblioteca Pública Municipal
Rio Branco: Biblioteca Estadual do Acre
Uberlândia: UFU - Sistema de Bibliotecas, UFU - Biblioteca Central Santa Mônica, UFU - Biblioteca Setorial Umuarama, UFU - Biblioteca Setorial Educação Física, UFU - Biblioteca Setorial Educação Básica, UFU - Biblioteca Setorial Hospital de Clínicas
Ituiutaba: UFU - Biblioteca Setorial Ituiutaba
Monte Carmelo: UFU - Biblioteca Setorial Monte Carmelo
Patos de Minas: UFU - Biblioteca Setorial Patos de Minas
Taubaté-SP: Coordenadoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de Taubaté
Santo Anastácio-SP: Diretoria de Ensino de Santo Anastácio
Vitória-ES: Biblioteca Pública do Espírito Santo



APOIADORES

Alexandre Guarnieri (Rio de Janeiro)
Assis Furtado (Araraquara)
Ben-Hur Demeneck (Ponta Grossa)
Demétrios Galvão (Teresina)
Dinovaldo Gilioli (Florianópolis)
Joseani Netto (Santos Dumont)
Severo Brudzinski (Curitiba)
Silvio Demétrio (Londrina)
Wesley Souza (São Bernardo do Campo)

APOIADORES são assinantes do RelevO que nos auxiliam na divisão de custos da distribuição, levando o nosso periódico até cidades onde as nossas mãos não alcançam.

Infográfico por: Bolívar Escobar

QUER DISTRIBUIR O RELEVO?
ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

Confira a lista completa de pontos de distribuição em www.jornalrelevo.tumblr.com

Win & Rock in Rio

A edição de outubro do **RelevO** parece ter aprimorado algo que se mostrou um grande acerto no número anterior: as páginas centrais. O uso do humor para criticar a tendência de infantilização e de mercantilização das questões psicológicas contemporâneas foi um enorme acerto, como já tinha sido com os emails que resumiam a politicagem e a agressividade preponderantes no “meio literário”. Agora ficou ainda melhor e mais divertido, o que já deixa expectativa para os próximos. William Winner é uma grande personagem.

Do mesmo jeito, os poemas parecem ter chegado a um equilíbrio e me pareceram bem escolhidos. Outro destaque eu deixaria com a apresentação do trabalho de Robson Vilalba por Ben-Hur Demeneck, bem realizado e, ao que tudo indica, Vilalba ainda vai fazer coisas muito boas. O que eu conheço da obra dele parece das melhores produções do gênero, infelizmente ainda muito pouco praticado entre nós.

Eu esperava mais, no entanto, dos textos propriamente ensaísticos. Compreendo que uma análise do Rock in Rio possa comportar algum tipo de irreverência. Mas, diante da edição desse ano, cabia mesmo apenas a brincadeira? De longe, o menor dos problemas era a presença ali de músicos que, talvez, não fossem exatamente roqueiros. Do mesmo jeito, é verdade que nomes como “Rock in Rio USA” ou “Rock in Rio Lisboa” são cafonas, para dizer o mínimo.

O festival de 2017 foi realizado em uma cidade sitiada. Enquanto ocorria, o exército cercava diversos bairros que estavam no trajeto dos hotéis ao show. Milhares de pessoas viram seu direito de ir e vir cerceado, uma mesma quantidade de crianças não pôde ir à escola, o que aliás está se tornando um fato cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. Quantas pessoas foram assassinadas durante o Rock in Rio? Uma das universidades mais importantes do país, a UERJ, ficou agonizando enquanto o festival acontecia.

Aliás, a criação de uma bolha para a classe social privilegiada reproduziu o que já tinha acontecido durante as Olimpíadas. Como agora alguns dos responsáveis pela tragédia humanitária que se tornou a capital carioca estão presos, parece que se perdeu um pouco do pudor dos Jogos. Dessa vez, a calmaria ficou mesmo restrita às arquibancadas. Para o resto da população, foi o salve-se quem puder diário.

Considerando, por fim, que boa parte do rock sempre esteve relacionada a questões políticas – e nisso o primeiro Rock in Rio foi notável –, uma brincadeira que anima a conversa com os amigos no bar não é o mais adequado para discutir os verdadeiros problemas que cercaram o enorme evento em um jornal impresso dirigido ao público literário. O mundo não foi tão livre durante o festival, como queria Neil Young, que aliás já esteve em uma das edições e arrasou. E é por isso que faltou rock, não por causa desse ou daquele músico ou estilo mais deslocados.



LIVROS | VINIS
JOAQUIM LIVRARIA & SEBO
 RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

FISK

CENTRO DE ENSINO

3642-3690 3031-7040
 R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR

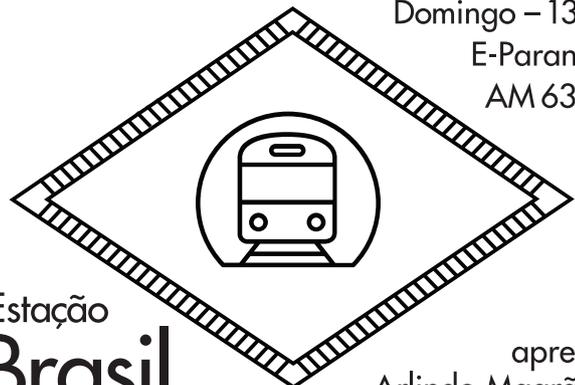
Livraria - Editora



Joaquim Maria

TOGURDS
 F D A C V M Z
 J W R T L E B Q
 U P O L T R A

TODALETRA.COM.BR



Domingo - 13h
 E-Paraná
 AM 630

Estação
Brasil

apres.
 Arlindo Magrão

ADVOCACIA

CONSUMIDOR - CÍVEL - FAMÍLIA
 CONTRATOS - TRABALHISTA

Bruno César Deschamps Meirinho
 OAB/PR 48.641

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 135, 2º ANDAR, LARGO DA ORDEM,
 SÃO FRANCISCO, CURITIBA-PR
 (41) 3564 7194 (41) 984 405 050



ALLEJO.COM.BR



Editora **Penalux**
 facebook/penaluxeditora
 + de 25 mil curtidas

Envio de originais:
 originais@editorapenalux.com.br

5 anos
 25 de julho. Desde 2012
 publicando bons livros

Chegamos ao quinto ano de atividades com quase 500 títulos no catálogo, reunindo autores de todas as regiões do país, com abrangência em diversos temas, estilos e gêneros. Publicamos contos, crônicas, poesia, romance, acadêmicos, traduções de clássicos e também literatura estrangeira contemporânea.

SUB VERSA



| literatura luso-brasileira |

ISSN 2359-5817



Ei, você! (é, você mesmo!)

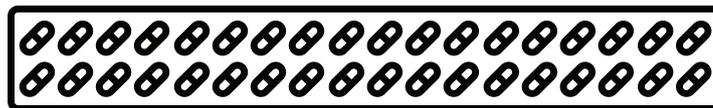
ANUNCIE NO RELEVO!!!



ESCREVA PARA:

CONTATO@JORNALRELEVO.COM

Farmácia Ehlkefarma



PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO
ARAUCÁRIA-PR (41) 3642-1128

**A cor e a textura de uma
folha de papel em branco**

CARLOS PESSOA ROSA

A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com

Miss Dollar

*Stories by
Machado de Assis*

Bilingual Edition

STORIES BY
MACHADO DE ASSIS

Traduzido por
Greicy Pinto Bellin
e Ana-Lessa Schmidt

Adquira o seu
exemplar em:

AMAZON.COM/MISS-DOLLAR-STORIES-MACHADO-BILINGUAL/DP/0996674748



A Revolução está apenas começando.

Rádio Cultura
CURITIBA 930KHZ



Cultura

No seu Dial | AM 930
No Aplicativo
No Site

WhatsApp (41) 98 5050 930
Anuncie na Cultura (41) 3013-3280

Maria Firmino dos Reis

Úrsula (trecho)

Entretanto, o negro redobrava de cuidados de novo aflito pela mudez do seu doente. E o dia crescia mais, e o sol, requeimando a erva do campo, abrasava as faces pálidas do jovem cavaleiro, que soltando um outro gemido, mais prolongado e mais doído, de novo abriu os olhos. Tentou então erguer-se como envergonhado de uma fraqueza a que irremissivelmente qualquer cederia; porém, desalentado e amortecido foi cair nos braços do compassivo escravo, única testemunha de tão longas dores e desmaios, e que em silêncio o observava. Mas esta segunda síncope, menos prolongada que a primeira, não afligiu tanto ao mísero rapaz, que dedicadamente o reanimava. A febre começou a tingir de rubor aquela fronte pálida, dando vida fictícia a uns olhos que um momento antes pareciam descair para o túmulo.

— Quem és? — perguntou o mancebo ao escravo apenas saído do seu letargo. — Por que assim mostras interessar-te por mim?

— Senhor! — balbuciou o negro — vosso estado... Eu — continuou, com o acanhamento que a escravidão gerava — suposto nenhum serviço vos possa prestar, todavia quisera poder ser-vos útil. Perdoai-me...

— Eu? — atalhou o cavaleiro com efusão de reconhecimento — eu perdoar-te! Pudera todos

os corações assemelharem-se ao teu. E fitando-o, apesar da perturbação do seu cérebro, sentiu pelo jovem negro interesse igual talvez ao que este sentia por ele. Então nesse breve cambiar de vistas, como que essas duas almas mutuamente se falharam, exprimindo uma o pensamento apenas vago que na outra errava.

Entretanto o pobre negro, fiel ao humilde hábito do escravo, com os braços cruzados sobre o peito, descaía agora a vista para a terra, aguardando tímido uma nova interrogação.

(Cadernos do Mundo Inteiro, Coleção Acervo Brasileiro 2, 2017)

HINO À LIBERDADE DOS ESCRAVOS

Salve Pátria do Progresso!
Salve! Salve Deus a Igualdade!
Salve! Salve o Sol que raiou hoje,
Difundindo a Liberdade!

Quebrou-se enfim a cadeia
Da nefanda Escravidão!
Aqueles que antes oprimias,
Hoje terás como irmão!

Apresentação de Eduardo Rodrigues Vianna

Que histórias uma negra brasileira do século 19 desejaria contar a respeito da escravidão? Parte da resposta encontra-se na obra da maranhense Maria Firmina dos Reis (1825-1917), prosadora, poeta, compositora e professora, a primeira escritora brasileira. Pois *Úrsula*, produzido em 1859 pela Tipografia do Progresso, de São Luís, foi o primeiro livro no Brasil a ser publicado por uma mulher, e também o primeiro a ter por autora uma pessoa afro-brasileira, e o nosso primeiro romance abolicionista. É o suficiente para afirmarmos a sua importância perante as letras nacionais.

O paraibano Horácio de Almeida (1896-1983), escritor, informa da curiosa trajetória deste livro, que ficou esquecido por aproximadamente cem anos. Ele adquiriu, no Rio de Janeiro, o que julgou ser o único exemplar de *Úrsula* impresso pela Tipografia do Progresso ou o único exemplar disponível, entre muitas brochuras antigas que comprara para sua biblioteca. Ao abri-lo, compreendeu estar diante de uma verdadeira raridade literária, umas dessas preciosidades que têm interesse historiográfico.

Firmina dos Reis esteve pouco conhecida do público em sua condição de primeira romancista, e da maioria dos escritores e jornalistas do Maranhão em sua época, segundo a conclusão de Almeida, certamente por ser mulher e, em grande medida, por não ter assinado o romance: pôs-lhe o pseudônimo Uma Maranhense, e coube a Almeida determinar a real identidade da autora, mediante consulta a literatos e dicionaristas com quem tinha contato. A autora foi conhecida por outras obras, inclusive prestigiada, mas não por este livro. Porém, existe alguma controvérsia quanto a este ponto. Horácio de Almeida havia procurado referências jornalísticas de *Úrsula* e de sua autora, sem encontrá-las, mas sabemos que existe pelo menos uma, em um número do jornal *A Imprensa*, de 19 de outubro de 1961. Este apontamento a respeito da pequena repercussão que *Úrsula* alcançou, restrita à província e sem a simpatia

das pessoas “de bem”, consta do ensaio de Adriana Barbosa de Oliveira, “Gênero e etnicidade no romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis”.

A impressão fac-similada da publicação de 1859, a partir do qual damos a público a presente edição, com a devida atualização ortográfica, foi preparada por Almeida, sob encomenda do então governador do Maranhão, Nunes Freire, em celebração dos 150 anos de Firmina dos Reis. Destarte, o grande maranhense Nascimento Morais Filho (1922-2009) dedicou-se a procurar e reunir o que pudesse ser encontrado da obra de Firmina dos Reis, a serviço da Academia de Letras do seu estado, embora não se interessasse por Maria Firmina somente como um acadêmico, mas como entusiasta da realização brasileira. É de Morais Filho a primeira biografia da autora, *Maria Firmina, Fragmentos de uma vida*, pela Imprensa do Governo do Maranhão, de 1975.

Maria Firmina dos Reis foi uma mulher negra, a quem chamariam “parda” na atualidade, ou “mulata”, embora muitos negros contemporâneos rejeitem esses termos, por considerá-los falsificantes ou pejorativos. Todos concordarão que era uma afro-brasileira. Diferentemente do que afirma no prólogo de *Úrsula*, é notório que possuía amplo cabedal de literatura e de cultura geral, muito afeita ao referencial europeu em termos humanísticos, como era normal naquele tempo, embora os escritores quisessem criar uma verdadeira literatura brasileira e tivessem disto uma consciência aguçada.

Tinha formação clássica e era uma leitora do seu tempo, com os seus costumes e tendências. Era prima do escritor e gramático Francisco Sotero dos Reis (1800-1871), por quem nutria admiração, exercendo forte influência sobre ela. Não era uma mulher de posses, nem realmente pobre. Autodidata, prestou concurso em 1847 para a Instrução Primária e foi aprovada. Lecionou Língua Portuguesa (primeiras letras) entre 1847 e 1881, sempre no Maranhão.

Em 1881, fundou o que seria a primeira escola gratuita e mista do Brasil, no povoado de Maçaricó, na cidade de Guimarães, onde meninas

e meninos partilharam as mesmas salas e materiais, e onde os filhos dos senhores de engenho e dos paupérrimos lavradores estiveram juntos, ocupando as mesmas carteiras. Maria Firmina se tornou uma figura popular em Guimarães, que discursava, em sua modesta varanda, para o ajuntamento de lavradores e de demais pessoas do povo que acorria sempre à sua porta, pelo prazer de ouvi-la.

O escândalo foi tão grande, foram tantas as pressões, e tão atrevidas as ameaças, que a escola de Maria Firmina teve de fechar as portas, com apenas dois anos de funcionamento. Portanto, se o baiano Anísio Teixeira é o pai da escola pública brasileira, Firmina é a mãe, e como tal deve ser homenageada.

Maria Firmina publicou outras obras literárias, além de *Úrsula*, em jornais, já a partir de 1860, assinando os seus poemas com as iniciais M. F. R. Em 1861, o poeta Gentil Homem de Almeida Braga (1835-1876) convidou-a a participar da antologia *Parnaso maranhense*, e entre 1861 e 1865 publica o conto “Gupeva”, de temática indígena, com reimpressões em alguns jornais. O seu livro de poemas *Cantos à beira-mar* foi publicado em 1871, pela Tipografia do País. Em 1887, novamente para circular na imprensa, publicou o conto “A escrava”, obra literária com o objetivo da agitação e de propaganda para as campanhas abolicionistas que se seguiram até 1888. Também compôs letras para diversas valsas e para o hino da libertação dos escravos, onde também compôs a melodia.

Úrsula, obra do romantismo brasileiro, sem aquele nacionalismo idílico um tanto infantil que os românticos cultivavam, é um livro marcadamente cristão. Porque a autora tinha um lado místico até bem pronunciado, era cristã, e porque sabia o que estava fazendo: havia a necessidade de apontar a absurda contradição de toda uma sociedade que se considera seguidora de Cristo e permitia a escravidão. Os cristãos tinham de ser chamados à consciência, e o foram, pela obra pouco lida de Firmina e por outras, se considerarmos a grande expressão popular que o movimento abolicionista no Brasil teve em dado momento — o que muita gente na atualidade ignora.

Descubra Carolina

Quem não sabia que Quarto de Despejo é um dos relatos mais contundentes da literatura brasileira produzida de 1960 para cá, vai se ver em apuros ao folhear a HQ *Carolina*. Será tragado pela força da obra e pela personalidade de Carolina Maria de Jesus (1914-1977) quando uma de suas citações se mesclar ao desenho de João Pinheiro.

Finalista na categoria quadrinhos do prêmio Jabuti, o livro em quadrinhos *Carolina* concilia pesquisa acadêmica com a nona arte. O título faz um recorte biográfico de uma expoente da literatura negra e a expõe em múltiplas facetas – artista, leitora, catadora de recicláveis, chefe de família, entre outros. Entrevistamos a responsável pelo argumento e pesquisa de *Carolina*, Sirlene Barbosa.

Como foi essa experiência de combinar seu conhecimento acadêmico com a linguagem HQ do João Pinheiro?

Eu achei extremamente potente. Gosto muito de histórias em quadrinhos, inclusive para lecionar. A HQ é um gênero bem acessível para todas as idades. Penso na literatura de maneira plena, já que o estudante faz a leitura visual, textual e verbo-visual quando lê quadrinhos.

Como classifica a criação literária de Carolina de Jesus?

Carolina foi uma “socióloga da prática”. Ela enxergou muito além daquilo que seus olhos físicos conseguiam enxergar. Ela tinha genialidade em analisar, em questionar e em denunciar no que se tornam os seres humanos que viviam numa favela. Seres humanos que dividiam espaço com ratos e insetos em uma favela de São Paulo nos anos 1950, na divisa com o Rio Tietê.

Na HQ há uma ilustração de página inteira para esta passagem de *Quarto de Despejo*: “já que despertei estou escrevendo. tem pessoas que desperta procura um cigarro. E eu um livro”. Você pode comentar essa citação?

O livro é um recorte da vida de Carolina. Fazemos algumas citações, como a que você lembrou. Em Quarto de Despejo, ela conta – em outras palavras – que “independente da minha situação social e econômica, eu sou leitora e sei falar e escrever”. Tanto sabia escrever que, depois de longas jornadas pela cidade atrás de recicláveis para sustentar seus três filhos, ela tinha condições de chegar em casa, acender uma vela e – com papéis limpos que sobravam de sua procura por recicláveis – escrever.





RelevO Wiki

Escritor

Substantivo masculino, feminino e infantil 1. Categoria de ser humano carente em processo suspenso de alfabetização cujo propósito de ligar uma palavra na outra depende da capacidade de ganhar dinheiro com outra coisa para então escrever o romance (ou haicai) do século; 2. “pela saco”, Ottavinho do Boqueirão, músico que ninguém conhece, putaço; 3. Informação de perfil de Facebook, dificilmente do Tinder; 4. Possível assinante do **RelevO**, apesar das dificuldades financeiras e da pensão; 5. Único animal com a capacidade de renegar seus próprios livros e textos e fazer isso parecer nobre; 6. Punheteiro – de si mesmo e de congêneres.

Escritor engajado

Adjetivo indefinido 1. Espécime de escrevente com amplo domínio das ideias a partir da ideia anterior de que domina e tem ideias; 2. Um post ambulante com layout gratuito do Wordpress; 3. Vai ter crítica sim!; 4. Um emoji em realidade ampliada; 5. Autoilusão de grandeza (ou ilusão de autograndeza?).

Jornal de papel

Topônimo 1. Um gorila adolescente vestindo cuecas; 2. Subterfúgio para explicar estranhos comportamentos sexuais relacionados ao olfato e ao tato, vulgo “Adoro o cheiro de papel, tesão demais”; 3. Adianta explicar se o Clebinho insiste em querer vender zines de poesia na escola? (Ver ‘Zine’).

Leitores de jornal de papel

Psicopatia 1. Classe de indivíduos que, em vez de ler outra coisa mais interessante ou ver um programa estimulante de culinária, acredita que cresce espiritualmente com a leitura de um monte de palavras diagramadas pela Marceli ~~que, bem, faz o melhor que pode;~~

Frequentador de oficina literária

Vulgarismo com tempo livre 1. Categoria de ser humano, provido de coração bom e fraternal, que acredita em escrita criativa e em PNL, principalmente se tiver mais de 500 reais soltos no orçamento para desembolsar em cursos e não ter disciplina para ler clássicos de 800 páginas, preferindo, assim, discutir o conceito de clássico.

Jornalista

Locução adverbial 1. Quando empregado, praticante do VISCERAL ofício de contar escalções da Ponte Preta, de dar carteiradas em blitz no bairro do amigo desempregado, de informar que uma importante mulher deixou de trabalhar quatro dias e saiu em busca do pássaro de estimação e de ligar para o SIMEPAR para saber se vai chover amanhã. “Os nossos leitores precisam, interesse público”, teria dito alguém cujas férias são oportunidades para procurar outra área de trabalho ou para repetir ideias ultrapassadas sobre dignidade do trabalho. Ver ‘Asno’

Groupie literária

Zoologia 1. Animal vertebrado, de sangue quente e alta performance, com dentes brancos e todos os livros de um mesmo autor/autora, devidamente autografados sob o pretexto de detentora de grande sensibilidade artística; 2. Ave de arribação disfarçada de fanática e que desgosta em ser confundida com groupie de banda, pois não dorme com seu objeto de adoração por motivos geralmente relacionados à careca. 3. “Ai, o valter hugo mãe *-*”.

Blog

Onomatopeia pejorativa 1. Espaço onde antigos habitantes da rede mundial de computadores publicavam seus textos e recebiam, como retorno, a expressiva quantidade de dois comentários por mês;

Blogueiro

Ofensa 1. “Ele é blogueiro”; 2. “Vai lá e descasca no seu blog, então”; 3. “Você escreve de graça no nosso portal, mas, em contrapartida, tem EXPOSIÇÃO PÚBLICA”.

Zine

Numismática 1. Não confundir com zimbro; 2. Espécie de impresso feito por pessoas majoritariamente incapazes de ganhar dinheiro com o intuito de divulgar a arte, driblar limitações de diagramação e questionar o poder como ele é a partir do orçamento da gráfica que não aceita parcelar a impressão;

Editor

Geologia 1. Figura patética com poder de escolha semelhante à variedade de papéis de Jim Carrey; 2. Figura geralmente masculina e autoritária que acredita ter especial dom para a avaliação e que se irrita facilmente com escritores, principalmente quando esses não o tratam pela alcunha de Senhor; 3. Não há indício de um editor feliz.

Sexo

Barbarismo 1. Os órgãos sexuais; 2. Ato que escritores (ver ‘Escritor’) precisam implorar pateticamente para conseguir; 3. Moeda de troca de editores bem-sucedidos (ver ‘Editor’).

Newsletter

Ocultismo 1. Boletim informativo com distribuição supostamente regular a assinantes e que aborda geralmente um determinado assunto ou nenhum se for editada por um editor indigente que prefere torcer para a Roma do que explicar ao assinante qual a diferença entre um suco de caju e um suco de cajá; Ver ‘Enclave’.

Lançamento de livro

Pleonasmo 1. Tipo de evento em que os amigos são obrigados a prestigiar, mesmo em dias de chuva, e a desembolsar aproximadamente trinta reais sob a torcida de, ao menos, consumir bons vinhos ou salgadinhos que façam jus ao preço caríssimo do estacionamento dessa livraria de shopping que fica num bairro em que as casas custam muito caro e nunca teremos dinheiro para morar; 2. Manifestação pública de que, independente dos inimigos e dos invejosos, estamos produzindo e que, se você achar o livro ruim, é também inimigo e invejoso; 3. Ocasão notavelmente irrelevante para todos os participantes, exceto um.

VJ

Turismo 2. Termo completamente deslocado da lógica dessas páginas centrais apenas para o propósito de dizer que a MTV – como o Cassetta & Planeta e o Omeprazol – sempre foi uma droga e que não é essa geração de reality shows da emissora que piorou o que um dia já foi bom.

Poeta

Pecuária 1. Aspirante à condição de condensador da palavra em sua potência máxima; 2. Alguém que escreve sem respeitar o uso das linhas por mero “quis assim, a Musa me soprou”; 3. Romântico contumaz, acredita no poder da literatura e em sarau; 4. Charlatão que quebra frases inexpressivas em linhas; 5. Indivíduo inútil, inapto, completamente despreparado para a vida real, e que, terceirizador de responsabilidades, culpa o planeta por isso.

Sarau

Belas artes 1. Sandro Oliveira Moção...
Talita Albuquerque Vamos, vida?
Sandro Oliveira Vamos, sim, amor.

The Message, Vida Loka

Ser negro e viver no subúrbio de uma grande cidade violenta, com todo o caminhão de predefinições sociais que isso acarreta: foi assim que o rap surgiu em Nova York a partir da segunda metade da década de 1970. E, no começo dos anos 1980, a metrópole americana não tinha nada a ver com a cidade bonita e inovadora que vemos hoje na internet; o crack havia invadido a cena, a prefeitura não tinha dinheiro para manter a segurança de nada e o cenário era desolador. Cada dia vivido no gueto era um teste de sobrevivência, e muito disso está na clássica “The Message”, um dos maiores hinos do rap.

Lançada em 1982 por Grand Master Flash & The Furious Five, o rap cantado pelos MCs Melle Mel e Ed “Duke Bootee” Fletcher desenha, em seis minutos, a brutalidade do ambiente: “Às vezes, é como se fosse uma selva, e eu fico pensando como eu consigo evitar de entrar numa pior”, diz o primeiríssimo verso (as traduções neste texto serão bem livres). “Vidro quebrado por todos os lados; pessoas mijando nas escadas e elas não estão nem aí; eu não aguento o cheiro, eu não aguento o barulho; não tenho dinheiro para me mudar, então acho que não tenho escolha. Ratos na sala, baratas nos fundos, drogados andando pela rua com tacos de beisebol”. E este é apenas o primeiro minuto da música, que culmina no refrão-mantra: “Don’t push me ‘cause I’m close to the edge / I’m trying not to lose my head” (“Não venha me forçar, que eu já estou na beirada. Estou tentando não perder minha cabeça”).

Uma vida em que simplesmente não há sossego ou zona de conforto. Idosas pegando comida no lixo. As prostitutas que precisam contar com cafetões. O irmão que rouba a TV da mãe. O maluco que liga para a esposa cobrando as dívidas

e ameaça todo mundo enquanto o marido não está em casa. A inflação de dois dígitos. O filho que vai para a escola e é ridicularizado pelo professor. A moça que é empurrada na frente do trem, o sujeito que é esfaqueado na rua.

Melle Mel e Duke Bootee analisam. Segundo eles, quando uma criança nasce, ainda inocente, Deus olha para ela sorrindo, mas também franze o cenho, porque só Ele sabe o que a criança irá passar ao longo da vida. Ela irá crescer no gueto, irá viver uma vida de merda, irá admirar os ladrões, os cafetões e os ricos andando em conversíveis. Vai dizer: “Tudo bem, eu não sou assim, eu não sou bobo”, mas vai acabar largando a escola no Ensino Médio. Vai ficar desempregada, vai ter que se submeter, vai virar um criminoso. Até que um dia seu corpo será encontrado numa cela, com os olhos frios e alguém dizendo “como ela viveu tão intensamente e morreu tão jovem”.

É uma pedrada. Repita o mantra: Don’t push me ‘cause I’m close to the edge... I’m trying not to lose my head. Imagine quanta gente deve ter repetido esse mantra pelas esquinas de Nova York naquela época.

Vinte anos depois de “The Message”, um novo hino emerge da Zona Sul de São Paulo, dividido em duas partes: “Vida Loka”. As duas faixas estão no álbum *Nada Como um Dia Após o Outro Dia*, lançado em 2002 pelos Racionais MC’s (provavelmente um dos discos mais importantes da música brasileira). Nelas, Mano Brown rima sobre a luta e a vida a

partir do ponto de vista de um negro que mora em uma favela da maior cidade da América Latina.

Desde o lançamento, as duas partes de “Vida Loka” apenas ganharam força e eco entre fãs e rappers brasileiros a partir de uma percepção muito aguçada e profunda da realidade – marca registrada do Racionais e, principalmente, das letras de Mano Brown. Cresceram tanto a ponto de serem decoradas na íntegra e entoadas pela periferia, pela classe média e até pela classe alta branca que ajuda a formar o grande emaranhado social brasileiro relatado em cada rima.

“Quanto cê paga pra ver sua mãe agora? E nunca mais ver seu pivete ir embora?”

Pequenas frases que, decoradas, também podem servir como mantras de motivação – agora perante os socos que a vida dá. “Na guarda, guerreiro, levanta a cabeça. Onde estiver, seja lá como for, tenha fé porque até no lixão nasce flor”. A segunda parte é mais intensa e gelada. Não bastasse o beat extremamente triste, a sanidade anda por um fio: “O caminho pra felicidade ainda existe: é uma trilha estreita, em meio à selva triste”. O importante é manter por perto quem te entende e te apoia. O importante é que nós ainda estejamos juntos aqui no ano que vem.

Mas não é fácil. “Às vezes, eu acho que todo preto como eu só quer um terreno no mato, só seu. Sem luxo. Descalço, nadar no riacho. Sem fome. Pegando as frutas no cacho. Aí, truta, é o que eu acho e quero também. Mas, em São Paulo, o que temos é uma nota de cem”. A Vida é Loka; há uma infinidade de coisas que Mano Brown quer dizer quando ele diz que a Vida é Loka; e há uma infinidade de pessoas que, de forma consciente ou pelo sangue, entenderam exatamente o que isso significa.

“Pode rir. Ri, mas não desacredita, não.”



Manuscritos não ardem

Gógol deixou inacabada sua grande contribuição à literatura mundial, *Almas mortas*. Pois o mesmo aconteceu com um de seus principais discípulos, Mikhail Bulgákov e seu *O Mestre e Margarida*. Reconhecido como um dos mais importantes romances no mundo, esta obra chega às livrarias, no fim de novembro, em cuidadosa e competente tradução direta de Irineu Franco Perpetuo pela Editora 34.

Resumir em poucas palavras o enredo desta obra-prima é um desastre. Pode-se dar apenas elementos fugazes ao leitor para descobrir este livro que fascinou Julio Cortázar. Ambientado na década de 1930 em que se deu o terror stalinista, chega a Moscou o Diabo encarnado no professor alemão Volland e acompanhado de uma legião de demônios, especialmente de um gato negro. Esta legião provoca uma onda de confusões, tragédias e incêndios. Assim como Gógol, Bulgákov tece um carnaval de gêneros literários com o riso cáustico e demolidor. Não carnavaliza apenas o stalinismo, mas também à milenar estupidez humana – mais atual, impossível.

Em determinado momento da prosa, Volland sentencia “manuscritos não ardem”, acabam sobrevivendo de uma forma ou outra. Pois esta obra sobreviveu nos porões do KGB até emergir e receber várias edições com variantes.

Reescrita diversas vezes entre 1928 e 1940 e sem esperança alguma de vir a publicá-la, Bulgákov deixou versões desta obra que passou por várias edições desde a primeira em muito censurada apenas em 1967 na ex-URSS até a última, fixada pela pesquisadora Ielena Iúrievna Kolycheva. Ela trabalhou nos rascunhos e nas versões datilografadas do romance para publicar a sua versão em 2014, pela editora Pachkov Dom, a edição sobre a qual Perpetuo fez a sua tradução.

Não à toa, a obra abre com epígrafe do Fausto goethiano. Pois aqui se cruzam inúmeras tradições de pensamento, havendo até releitura do Novo Testamento, Jerusalém de Cristo em paralelo com a Moscou de Stálin. Além de *O Mestre e Margarida*, o leitor brasileiro também tem disponível *O Diabo solto em Moscou: Vida do Senhor Bulgákov & Prosa Autobiográfica*, com estudo de vida e obra e tradução de prosa, e *Um coração de cachorro e outras novelas*, ambas feitas por Homero Freitas de Andrade e publicadas pela Edusp. Ainda falta trazer a público suas peças de teatro e o seu romance *A guarda branca*, outra prosa fundamental de Bulgákov.

Com *O Mestre e Margarida*, Irineu Franco Perpetuo firma-se como um dos principais tradutores do russo ao português no Brasil. Também nos trouxe versões de *Memórias de um caçador*, de Ivan Turguêniev, *Pequenas tragédias* e *Boris Godunov*, de Aleksandr Púchkin, *Vida e destino*, de Vasilli Grossman, entre outros. Ainda fez a versão da peça de Bulgákov, *Os dias dos Turbin*, ainda sem editora.

Marquês desconhecido

Realmente uma notícia impressionante. A editora Carambaia lança a seleção de novelas não eróticas do Marquês de Sade (1740-1814) – tão admirado por Simone de Beauvoir, Georges Bataille e tantos outros pensadores fundamentais. Os textos enfiados sob o título *Novelas trágicas* são inéditos no Brasil e revelam a tentativa do escritor de mostrar seu valor literário e defender-se das acusações de libertinagem e depravação.

Aqui o leitor não vai encontrar descrições de atos sexuais ou de torturas. São escritos entre 1787 e 1788, enquanto Sade estava hospedado na Bastilha e criava obras libertinas, como *120 dias de Sodoma*. A edição traz refinado ensaio onde o autor trata sobre a história e as características do gênero romance. No ensaio, postula a tese de que os primeiros enredos romanescos, sob a forma de fábula, derivaram da religiosidade – surgiram com os deuses, a ideia da eternidade da alma e as demais “quimeras” humanas, o seu principal alvo de escárnio nos escritos mais célebres.

Estão nessas histórias os pilares da filosofia de Sade: a racionalidade fria e precisa do crime, a execução metódica do desejo, as elucubrações vazias da religião, as ilusões patéticas que alimentam a ideia de virtude. Como se observa no revelador posfácio do tradutor e professor de literatura André Luiz Barros, “o Mal é representado com cores tão intensas que o leitor é confrontado com sua presença e inevitabilidade”. Nesse sentido, é ideal ler *A literatura e o mal* (Editora Autêntica), do filósofo Georges Bataille, onde há essencial estudo sobre Sade, além de teses sobre William Blake, Baudelaire, Proust, Kafka e Goethe.

Como é peculiar à Carambaia, traz apurado projeto gráfico assinado por Luciana Facchini e ilustrações de Zansky, propondo um jogo que remete às atitudes dissimuladas dos personagens e aos disfarces do próprio autor. O livro é envolvido em uma luva que funciona como máscara: quando sobreposta aos desenhos, tanto das capas como das páginas internas, revela traços escondidos nas ilustrações. É ler e pensar.

V. Y. Mudimbe

III – O Poder do Discurso

O Discurso do Missionário e a Conversão de África

Não precisamos de muita imaginação para percebermos que os discursos missionários sobre os africanos foram preponderantes; foram quer sinais quer símbolos de um modelo cultural, tendo constituído durante bastante tempo, a par dos relatos dos viajantes e das interpretações dos antropólogos, um tipo de conhecimento. No primeiro quarto deste século [20], tornou-se evidente que o viajante se tinha tornado um colonizador e o antropólogo o seu consultor científico, enquanto que o missionário, com mais veemência do que nunca, continuava, na teoria e na prática, a interpretar o modelo da metamorfose espiritual e cultural africana.

A posição científica do missionário no processo de conversão de África conduziu a resultados muito específicos (Bureau, 1962, pp.248-262). Estes resultados, cruzados com perspectivas ideológicas, promoveram as teorias da alteridade africanas, por um lado, e suscitaram sérias dúvidas relativamente à pertinência dos discursos ocidentais nas sociedades africanas, por outro. Assim, temos dois atores fantásticos: o missionário e seu sucessor africano, apresentando ambos os seus pontos de vista sobre as políticas de conversão, baseadas naquilo que a cultura africana deveria ser utilizando a Antropologia como meio de dominar e libertar os africanos (Hastings, 1979, pp. 119-120).

O tema a investigar é a ligação entre a linguagem missionária e o seu impacto ou a negação africana, assim como as derradeiras consequências desta relação para a Antropologia. A investigação é pertinente em face das hipóteses questionáveis sobre as contribuições positivas ou negativas dos missionários para a ideologia africana, e, em geral, as interpretações controversas dessa relação na crise dos Estudos Africanos.

Por razões de clareza, abordarei em primeiro lugar o assunto do discurso missionário; em

segundo lugar; como se associaram histórica e ideologicamente numa localização antropológica e possuem *ad valorem* responsabilidade na construção de uma ideologia africana de alteridade.

Quanto mais atentamente estudamos a História das missões em África, mais difícil se torna não associá-la à propaganda cultural, às motivações patrióticas e aos interesses comerciais, já que o programa das missões é, na realidade, muito mais complexo do que a mera transmissão da fé cristã. Do século 16 ao 18, os missionários, por todos os “novos mundos”, integravam o processo político de criação e ampliação do direito da soberania europeia sobre as terras “acabadas de descobrir” (Keller, Lissitzyn & Mann, 1938). Ao fazerem isso, obedecem às “instruções sagradas” do Papa Alexandre VI na sua bula *Inter Caetera* (1493): derrubar o paganismo e instituir a fé cristã em todas as nações bárbaras. [...]

Se a reforma pôs em causa o poder do Santo Padre de “dar, conceder e doar” terras aos monarcas europeus, o novo axioma, *cuius regio, illius religio*, reforçou a complementaridade entre a atividade colonial e a conversão religiosa. Por exemplo, o reino cristão do Congo foi oficialmente reconhecido pela Santa Sé e pelas maiores marinhas europeias nos séculos 16 e 17: no entanto, perdeu esse estatuto especial no século do mercantilismo e do protestantismo, o século 18. O ideal económico prevaemente de “balança comercial” era inseparável da necessidade de aumentar a riqueza e a força da nação, daí a grande utilidade do comércio e das propriedades coloniais.

A participação da Igreja na criação de uma soberania ocidental foi importante antes e depois da reforma. A missa celebrada na Costa da Guiné, em 1481, sob uma grande árvore, mostrando as armas reais de Portugal, simbolizava a posse de um novo território.

A Invenção de África (Edições Pedagogo, 1988, Angola)

*Paulo César Pinheiro
& Sérgio Santos*

Nagô

Terreiro,
Quando o nêgo toca o tambor,
Nêgo não quer dinheiro,
Quê que quer? Quer Agô.

Trabalho,
Quando o nêgo tem batedor,
Nêgo não quer só calo,
Quê que quer? Quer um jimbô.

Carrêgo,
Quando o nêgo se quebrantou,
Nêgo não quer ebó, não quer,
Quê que quer? Babalaô.

Kizomba,
Quando o nêgo já bambelô,
Nêgo não quer maromba,
Quê que quer? Quer N'gô

Capenga,
Quando o nêgo já marafou,
Nêgo não quer arenga,
Quê que quer? Quer quem zoiô.

Zoadó,
Quando o nêgo a nêga argolou,
Nêgo não quer parar, não quer,
Quê que quer? Quer gongolô.

Ô, Ialê,
Ê, Iaô,
Ô, nêgo quer,
Quê que quer?
Quer um muana,
Nêgo quer
Quer um cafunje,
Nêgo quer
Mais um Nagô

Glossário:

Agô: Pedir licença / Jimbô: Dinheiro / Ebó: Oferenda /
Babalaô: Zelador-de-santo / Kizomba: Festa / Bambelô:
Dançou coco-de-roda / Maromba: Malandragem,
confusão / N'gô: Paraíso / Marafou: Bebeu / Gongolô:
Vagina / Ialê: Mulher preferida / Iaô: Filha de santo /
Muana: Molequinho preto / Cafunje: Negrinho novo,
travesso / Nagô: Caminhos

Áfrico – Quando o Brasil resolveu cantar, Sérgio Santos, 2002

Luiza Cantanhêde

Caminhares

No chão
palmilhado de angústias
Em que se esboça
a vastidão do vazio
Descanso meus olhos de mar
Trago no sangue, o longe
Na carne, o dom de carregar fardos
Eu e minhas estreitezas
Saudando o que antecede a estrada.
No colo de minha pele, as urgências
Se hospedam
fogem do que é definitivo
Entrego-me às mãos ardilosas da vida
Tecendo vestígios de minhas buscas
O tempo, rendilhando em mim
uma razão para
Existir
A cada passo, aproximo- me mais das
Despedidas
Não sei o que direi ao deus
Pagão que me guia.

Você não me chame querida

Elavoko[1] seguia com zeloso olhar os passos de Mbaka[2]. Reciclavam almas na última semana, de duas, numa memorável excursão de casais a Windhoek.

O plano original previa só chegar-se a Oshakati, norte da Namíbia, país com o qual os angolanos partilham a fronteira sul e o grupo etnolinguístico Ovambo ou Kwanyama, o do Rei Mandume, herói da resistência anti-colonial que viveu entre 1894 e 1917. Corriam atrás de bons preços e, ainda melhor, sem impostos. O plano viria a alterar quando o grupo parou em Oshikango para matabichar. «Quê isso, meus manos?!», desafiou-lhes um guia turístico local num português limpinho. «Então visitam um país sem chegar à capital?!». Para todos, era a primeira vez e não se sabia muito bem o que os esperava daquela aventura colectiva para a vida.

Elavoko e Mbaka, duas almas na casa dos quarenta e alguma coisa de idade, bons compadres. Nunca se tinham aproximado nem um pouco mais ou menos (para lá daquilo que o espartilho social modela) relativamente aos demais.

Compunha o grupo dez pares, cada representando os irrequietos espíritos da sua miniatura de república, que é por ora a palavra que me ocorre para caracterizar lar e família. Mbaka, altura média, esbelto frasco de xarope cozido na foz entre o bantu e Cabo Verde, movimentos fatalmente sensuais aos olhos do compadre (e talvez de muitos outros), era mais de sorrir, dando a ver seus dentes um pouco desencontrados, do que de falar.

Outra utilidade que dava à boca fazia-lhe descer as escadas para ter com o bafo de inverno que a rua cuspi, fumar no hotel não podia. Nessa noite, estava ela de saia e uma blusa com a sobriedade que eu muito aprecio. Cantavam-se parabéns de

improviso pelos anos de um colega de grupo (não o Elavoko, infelizmente, para ele). Música colombiana. Mbaka dançava, seus pés descalços, mestiços, delicados, realçando-se sobre o veludo roxo da alcatifa. Elavoko não entendia o porquê de se ver envolvido em tão inabitual deleite com a memória visual daquele recorte da vida, como se de uma descoberta se tratasse, um acontecimento. Só podia ser tolice, suspirava ele, já que ela não podia ter nascido com os pés dentro do sapato.

Windhoek sabe ser invejável. Capital de uma Namíbia que tem na indústria do turismo o pulmão da economia, é distinta na constelação de metrópoles do nosso continente. Limpa, segura, preços acessíveis. A arquitectura e a ordenação urbanística são herança inglesa e alemã. Uma noite ali passada venera o sossego. Não investem em mosquitos nem em poeira, mesmo tendo por base o deserto.

Por norma, quando modos deixam a desejar, alto falar ao telefone ou nem por isso em estabelecimentos (sem poupar hospitais), já se sabe de onde vêm. Da Terra do petróleo, dos diamantes, da Miss Universo e do Carnaval. Move-lhes a consistência dos serviços de saúde e de educação, estatais ou privados (tanta qualidade para tão pouca propaganda). Os angolanos (aqui generalizando), especiais que são desde o ventre, possuem o oco robusto do seu dinheiro, no qual se remiram e se agigantam a todo custo. As boas maneiras podem esperar.

Também em Windhoek, a sensibilidade do turista, caso a tenha levado consigo na bagagem, não escapa ao choque social em forma de bairro, situado a oito quilómetros a norte. Katutura é, à

semelhança de outros guetos africanos, um elevado passivo que as independências não conseguiram saldar. Diz-se jocosamente que o preto correu com o branco para virar branco do irmão dele.

E não se vislumbra uma solução para os casebres de chapas. O clima é de temperaturas extremas, não sendo o zinco favorável nem no frio nem no calor. Muito fiéis à estética urbanística, as autoridades desautorizam a autoconstrução. Exigem a contratação de empresas do ramo... a quem mal tem para comer. Boa parte desta camada imigrou de Angola à época dos contratos nas minas de ouro de Swakopmund e Transvaal, durante o domínio sul-africano. Há também refugiados angolanos da guerra pós-eleitoral de 1993. Preferem este morrer um pedaço a cada dia, não vendo condições de sobrevivência melhores no país de origem.

O voo do tempo parece nunca ter conseguido descolar da década de 1950, altura em que a municipalidade de Windhoek e a administração colonial sul-africana decidiram retirar à força os habitantes negros da cidade antiga para ali, sem condições mínimas de habitabilidade. O subúrbio intermédio (geográfica e urbanisticamente edificado para a população mestiça) decidiu, nos dias de hoje, manter a designação Khomasdal. Atrás não lhe ficou Katutura, aquele gueto intemporal dos enjeitados, que, na língua Herero, quer dizer «aqui nós não ficamos».

Uma semana depois de tornados às respectivas casas, a excursão povoava os temas, com tanto que há a sacar da sacola sensorial de quem percorreu mais de três mil quilómetros de estrada. As diferentes tribos e etnias (a resiliência dos Herero, a colorida

maquilhagem dos Himba, a longevidade dos Khoisan, os Ovambo e a idiossincrasia tão arraigada ao gado). Os parques de reserva natural! Ah! E o safari...

É verdade que estas aventuras têm o condão de conduzir ao mais do mesmo, porquanto a população animal não varia assim tanto. Mas, para muitos, o diferencial morou na ironia de ter sido necessário transpor fronteiras para conhecer a palanca, elegante antílope que é o símbolo da fauna angolana e logomarca da companhia aérea de bandeira, a TAAG[3].

Elavoko bem podia dizer que também vivia capturado por estas lembranças, mas é mentira. Sim, é verdade que é mentira. Ainda a música colombiana. Ainda a comadre Mbaka. Vê-la dançar em câmara lenta, ancas de viola, pés descalços, mestiços, delicados, ou a fineza com que o polegar tocava a bunda do cigarro, ensanduichado entre o dedo indicador e o médio, só para fazer cair a cinza...

O tempo ia passando e os casais compadres irrigavam as relações, ora com visitas ora com telefonemas, nunca pondo de parte o convívio entre as crianças.

Certo dia, ao passar pertinho e dando-se conta de não lhe restar um único palito para acender o seu cigarrito, foi bater à porta do compadre. Por traiçoeira coincidência, este não se encontrava em casa. Nem os filhos. Só a comadre brincava às equidades com o tempo, entre arrumar a sala e ver a sua telenovela.

Elavoko era atendido com impecável hospitalidade, coisa que a comadre bebera desde pequena na educação do lar. O nosso amigo sentiu um impulso de dizer alguma coisa, e conhecendo como o conheço, creio que iria dizê-lo, se esta coisa a ser verbalizada soubesse antes autodefinir-se quanto ao que vinha. E suspensa no seu embrião a palavra permaneceu.

Sempre que a visse, era como se houvesse no ar uma dívida da sua parte perante a sua comadre. Também não fez questão de se abrir com ninguém, tampouco com a esposa, por definição a sua mais directa confidente. Quem sabe ela ajudaria a interpretar as coisas... E o peito foi ficando cada vez menor que o ímpeto aparente da situação. Algo afigurava-se ali morar com a vocação de ser dito. Que coisa? Mas ela era sua comadre. Lukamba bem que tentava, se não descodificar, ao menos libertar-se. Simultaneamente parecia não ter controlo sobre tal coisa, algures no motor que move artérias. Até que um dia lhe pareceu menos difuso o cenário e pensou em ir ter com ela. E foi mesmo:

— Bom dia, comadre!

— Bom dia, compadre!

O sorriso tinha o poder de fazer covinhas na bochecha de Mbaka, dando-lhe aquele ar angelical de uma eterna e terna meninice. Se beleza desse muitas, já ela andaria esfarrapada de tanto cair em transgressão. A voz não ficava atrás.

— Como é o passado?

— Ah, mas passamos bem, sem queixas.

Somente vós?

— Nós passamos bem, também sem problemas a lamentar.

— Muito bem. Ah! Viva! Ora! *Haka*[4]! Eh... Esse almoço sai ou não sai?

— Falta pouco. Pode sentar, compadre, vou só passar uma toalha no rosto. Esta cozinha aquece como!...

— Estou em casa, querida comadre, não se preocupe. O outro está?

— O outro? O outro ainda... bem... Não lhe deram a promoção de estar em casa na hora de trabalhar. Foi mesmo no serviço. O compadre tem pouca sorte. Ele esta semana não vem almoçar, está apertado.

— É verdade, querida. O trabalho, quando aperta, é mesmo a pão e gasosa... Assim então, calha bem. Queria mesmo era ter uma palavra com a comadre.

— Aié? Vamos entrar então aí dentro, a casa está um pouco desarrumada, mas na sala mesmo dá. O sofá comprido já está arrumado...

— Desarrumada, comadre? É porque nunca mais foste na minha casa! Aquilo até faz chorar...

— Tá aí *cisângwa* a[5] ainda.

— *Haka!* *Mba*[6] obrigado. Já sabe que não sei negar a vossa *cisângwa* caseira.

— O teu compadre é que não gosta muito, só prefere o vinho dele...

— É um pecado, querida comadre, ter tudo e não ver...

— Mba falaste mesmo! *Haka!* Veio falar com ele?

— Sim. Quer dizer... não. Até não sei como começar...

— É como o assunto? É comigo e não com ele?

— Sim. Quer dizer... Ora, diria que...

— É assim tão difícil falar comigo, compadre?

— Comadre, até custa um pouco começar, mas é assim: já há muitos dias que guardo essa palavra. Estou cansado lá em casa. A outra, aquilo até não sei como dizer, por isso é que... sempre que venho aqui e vejo como a comadre me recebe, cuida da casa, conversa, me faz pensar. A comadre é a mulher que me falta, eu te quero, comadre. Nós dois temos futuro, ó minha querida...

— Eu com o compadre, o compadre comigo, não é?

— A comadre sabe como é... essas coisas do destino... Tenho pensado muito. A comadre tem essa forma de me tratar bem que, lá em casa, com a outra, a pessoa, juro mesmo, não encontra. O jeito como faz as coisas. Sempre perfumada, hã!, o sorriso, estás a ver, né?. Comadre, vai-me desculpar, mas sinto que há uma linda história de amor entre nós que nos falta viver...

— Aié...? É assim, compadre: fico com a tua preocupação. Quando o outro chegar vou-lhe pedir o teu pedido. Se ele achar que sim, depois vai dar a resposta.

— Não, comadre! Faz favor, o compadre não pode saber! Eu até só estava a brincar... A comadre já não me conhece?... Comadre, estou a ir, yeah? Olha, se na próxima semana eu não aparecer, é porque fui visitar família no mato...

— Se prepara, compadre, o outro vem aí!!!

— Comadre! Não me estraga a longa amizade! O que é que ele vai pensar?! Já vi que a comadre me entendeu muito mal...

— Ah, já vai? Não disse que tinha pressa, compadre Elavoko! E o almoço, compadre, fica como? A resposta é na minha boca ou na boca do teu compadre?

Lukamba saiu disparado para o bar mais próximo e escondeu-se num copo, não sem antes praguejar o momento em que aceitou embarcar na excursão que viria a despertar a cobiça pela mulher do seu compadre. Não se imaginava viver. Mbaka usou as horas que antecederam o retorno do marido para dosear o melhor tratamento a dar à investida do compadre. Estava revoltada. Era a última coisa que podia esperar de praticamente um irmão do marido, por sua vez imprevisível se vestido de ciúmes. Mas não era só isso. Entre contar e não contar, preferiu salvaguardar a relação de ambos, que datava de muitos e longos sofrimentos e sobrevivências. Mas este silêncio de mulher idónea não deixou de desenvolver no seu subconsciente o trauma da abominação a certas palavras, o que volta e meia suscitava a quem ao seu lado estivesse uma saudável gargalhada, quando a visse reagir qual vocalista de hip-hop. Que alguém se atrevesse a lhe tratar por querida:

— Sou querida do meu pai, da minha mãe e do meu marido! Você não me chame querida, ouviu? Isso é assédio!

[1] Esperança, em Umbundu.

[2] Ombaka, ou Mbaka, é o nome com que tradicionalmente a cidade/província de Benguela é referenciada.

[3] Linhas Aéreas de Angola.

[4] Interjeição reticente emprestada da língua Umbundu, equivalente a caramba!, mas que, mediante o contexto, pode expressar admiração, assim como pode expressar reprovação.

[5] Ocisangwa (mais conhecida pelas corruptelas «quissangwa» e «kisangwa») é uma bebida caseira confeccionada à base de cereais. Receita consensual não deve haver, face à nossa diversidade etnolinguística. Tanto pode ser fermentada e alcoólica, assim como azeda (ou não) mas não alcoólica. O líquido é de elevado valor antropológico, que tem na mulher a garantia da sua existência, no que respeita à hospitalidade entre os Ovimbundu, grupo que representa um terço da população de Angola. «Ocisangwa» vem de «oku sangiwa», que também se diz em muitas variantes da língua Umbundu «oku sangwa». «Ocina co ku sangiwa ale cimwe cisangwa» (é algo encontrado, símbolo pelo qual o anfitrião se revela hospitaleiro).

[6] Interjeição enfática reticente emprestada do Umbundu, na maioria das vezes sem tradução.

Morgana Rech

Avião Pecilotérmico

No meio da pesquisa,
sentada numa poltrona do aeroporto, prestes a voar,
descobri que os peixes são seres pecilotérmicos,
não dependem de outro peixe,
um peixe-mãe,
para manter a sua própria temperatura.

o peixe é um ser indiferente aos termômetros
ou nada em água fria
ou nada em água quente
e mais nada

Isso tudo foi dito para mostrar
que a nossa temperatura corporal foi inventada por alguém,
um alguém-mãe
que instalou em nós a sua própria ideia de calor
e nos deu doses mais ou menos medidas pelo nível de aquecimento
que suporta,
o seu fluxo sanguíneo
a paciência que tem para o sol
a aptidão para a praia
o ângulo de abertura do peito
se sabe cuidar das plantas
se observa os peixes ou se apenas os devora
por quantos lugares viajou
se prefere janelas fechadas ou abertas
etc.

A temperatura do meu corpo marca os mesmos 36,7 que o seu
mas a temperatura com que o vento bate nos meus pelos é única

não se calcula nem traduz
não é numeral

quando peço para ele fechar a janela
porque estou com frio
é porque tem um pouco de amor junto

quando não suporto o mar
de água gelada
é porque para mim é um mar longe demais

quando visto um vestido curto e ando ao lado dele
como se nada me atingisse
é porque o dia de sol está de acordo
com as minhas coxas.

E então entrei no avião
pedi para aumentar o ar-condicionado
pedi refrigerante com gelo para a comissária

observei todos os casacos
e imaginei todas aquelas pessoas
sendo peixes
muito menos trabalho teríamos
a não ser ter de encher o mundo de mar.

*Peixes são pecilotérmicos, você sabia? Revista Vida-Loka.
Rio de Janeiro: 2017.*

Guilherme Brante

A Arte do Prazer

na pálida noite: Fria,
suada, mais uma
jornada, insone, insana
passada de mão em mão
na boca do povo, o Coro, olhando
[insídia, perfídia e volúpia]
no leito enfim: Ebúrneo
contraste
da pele, da vida,
da cor! Ela
sonha e vive e transpira
os sons e os gestos da noite
passada [pesada]
na atormentada memória.
no leito sem fim: Sem calma,
sem paz, [lesada]
mais uma na noite
Velada, Fugaz
Sofria.
o dia, passou: Se veste,
se arruma, montada
Vermelho às faces
e os rubros rubis
chamados: os lábios.
Vai à batalha –
Os dedos e calos
de rugas regados
tateando, invadindo
sua intimidade
[não olhe, não veja, não sinta: sorria!]
a ponta: batendo
a seda: rasgando
regendo, furando
-espremidos-

sua intimidade
[provida, prostrada, provada: sua intimidade]
a Tempo a Tempo a Tempo Afrettando
Alegreto! Alegro!piuPresto(giocoso!!!)

É físico! Brutal'
É dor! Crucial'
mas na cálida noite fria
encontra a amante fugaz
e...
no leito do rio, de sal e
de luz – regada
às lágrimas –
sofre, dura, trabalham

e não lhes parece esperança
no amor encontrado
se de novo e de novo
vão à batalha.
Enquanto durou, vão
à batalha.
Os anos se passam, os
meses, os dias,
as noites, insones
no leito sem fim.

e no final: a mortalha,
o descanso [o leito devido!]:

Carvão e marfim

Sem nome, sem voz, ela
se vai
para!

enfim!

Virarem rainhas, ela e a
sua amante, a Poesia.

Ana Flávia Magalhães Pinto

Os pasquins negros: quando a cor da pele virou notícia na regência

Foi num sábado de 1833, quando a abdicação de D. Pedro I era ainda evento recente e a criação da Guarda nacional, chamada “milícia cidadã”, uma das tantas questões a mobilizar diversos setores da população. Na intensa agitação diante dos valores da democracia moderna, traço que marcou o período regencial, vivia-se um momento de incertezas e de reafirmação prematura da cidadania brasileira. Estreitamente ligado a tudo isso, o primeiro jornal da imprensa negra no Brasil, o pasquim *O Homem de Cor*, surgiu na capital do Império, a 14 de setembro, da Tipografia Fluminense de Paula Brito, loja instalada no Largo do Rocio, cuja presença negra era bem marcante. Importava questionar as efetivas conjunções de realização daquelas promessas de liberdade que havia tempos circulavam e ganhavam forma nas mentes de livres e libertos – sem falar dos escravizados.

O cabeçalho dos cinco números do jornal, publicados entre setembro e novembro, trazia uma apresentação esquemática desse debate pulsante: no lado esquerdo, a transcrição do parágrafo 14 do artigo 179 da Constituição de 1824: “Todo o Cidadão pode ser admitido aos cargos públicos civis, políticos e militares, sem outra diferença que não seja a de seus talentos e virtudes”; no direito, reproduzia um trecho do ofício do Presidente

da Província de Pernambuco, de 12 de junho de 1833: “O Povo do Brasil é composto de Classes heterogêneas, e debalde as Leis intentem misturá-las, ou confundi-las sempre alguma há de procurar, e tender a separar-se das outras, e eis um motivo a mais para a eleição recair nas classes mais numerosas” (*O Homem de Cor*, n. 1, p. 1).

Ao longo desse texto oficial que chegou aos cidadãos da Corte, movido pelo temor do avanço dos “homens de cor” entre os postos de destaque, o presidente Manuel Zeferino dos Santos propunha a divisão da classe dos cidadãos de acordo com a tonalidade da pele, de modo que isso pautasse a distribuição diferenciada e hierarquizada de cargos públicos. O objetivo era instruir uma forma mais eficaz de controle do poder, em que, no caso da Guarda Nacional, as altas posições não fossem ocupadas pelos “homens de cor”, a classe mais numerosa, por isso ameaçadora...

Acontece que, se a manifestação desses incômodos e propostas estava autorizada, os contrapontos oferecidos pela população negra livre e liberta não se intimidava facilmente. A deixa para mais uma contestação estava dada. A novidade vinha apenas de especificidades do veículo de protesto; um pasquim que trazia o debate racial para o centro. Da parte dos “homens de cor”, temia-se a reedição

e o aprofundamento das divisões e das hierarquias militares da Colônia e do Primeiro Reinado, que priorizavam os elementos brancos e portugueses, enquanto a ampla mobilização de pretos e pardos ficava restrita às patentes inferiores (Ribeiro, 2002, p.257-ss.) Com o enfraquecimento do Exército, após a Independência, até a participação nos postos inferiores estava ameaçada.

Esses e outros acontecimentos concorriam para limitar a liberdade e a cidadania dos “homens de cor” livres na Corte. O problema envolvia muita gente, tanto que a iniciativa tomada na Fluminense de Brito ganhou espaço e simpatia em outras tipografias; o *Brasileiro Pardo* surgia na Tipografia Paraguassu; o *Cabrito*, na Tipografia Miranda e Carneiro; o *Lafuente* também na Paraguassu. Como de costume, os impressos não eram vendidos nas ruas. Os interessados tinham de ir a esses locais ou a lojas de livros indicadas para ter acesso aos exemplares, ao preço de 40 réis a unidade ou mediante assinatura. Outro fato em comum era o anonimato de seus redatores (Sodré, 1999, p.158), o que rendeu muita polêmica.

Trecho de *Imprensa negra no Brasil do século XIX* (Selo negro, 2010)



Evanilton Gonçalves

Situação estranha

Olha pela janela. Em sua frente, a noite pinta os apartamentos de cinza-escuro. Lá. Único quadrado Amarelo. Aceso. Do lado de cá – Ausência de luz. Excitação. Solidão. Tudo grande. Corpo enquadrado. Olhos de águia percebem. Lá. Uma silhueta, uma bela silhueta. Volume. Vira. Peitos fartos. Vira. Bunda farta. Ela. Farta! Fria. A noite expulsando os graus Celsius, -1. Sr. Aroldo tinha saído para se aquecer. Danças da noite. (se ela acreditasse: “Roberta, o dever me chama novamente!”). Não! Desta vez, a noite não cairia fria em sua cama. Riso lascivo. Corpo aceso. Agora. Janela acesa. Convite. Exposição. Voltinhas. O mundo em desordem. No medo de cá – desejo. Não posso. Será? Nervos em frangalhos. Espectro monstruoso. Nem pensar! Situação estranha. Por toda a parte cai a chuva. Em desespero. Escorre a razão... Lá vai ele. Percepção aguçada. Atravessa a chuva. Atravessa a rua. Entra. Corpos atravessando os corpos.